

EDITORIAL

Este número da *Phoînix* publica oito artigos de especialistas brasileiros e estrangeiros em Antiguidade, apresentando recortes cronológicos e temáticos diversos.

Os dois primeiros artigos se dedicam à Idade do Ferro. João Batista Ribeiro Santos discute de forma comparativamente multidisciplinar conceitos, fontes, interpretações e estudos de caso, com o propósito de problematizar a importância e os usos das culturas, a significância das identidades e, sobretudo, o estado de construção da identidade étnica. A pesquisa histórica desenvolvida pelo autor situa-se em sociedades do antigo Oriente-Próximo na Idade do Ferro, sobre as quais explora testemunhos arqueológicos, mas também pretende investigar materiais etnológicos de sociedades ocidentais originárias. Já Filippo Lourenço Olivieri aborda em seu texto as referências sobre o druida Diviciaco. A análise dos relatos sobre Diviciaco contribui, segundo o autor, para compreender melhor os celtas no final da Idade do Ferro, na Gália. Sua atuação demonstra que os druidas exerceram influência política empoderada pelas prerrogativas religiosas.

Na sequência, os próximos três artigos trabalham com o mundo grego antigo. Partindo da afirmação de que as fases da vida são concebidas de diferentes formas nas tradições poéticas da Grécia do período arcaico, Rafael G. T. da Silva, a partir dos cancioneiros atribuídos a Homero, Hesíodo e Mimnermo, propõe uma análise dos posicionamentos que Sólon adota em seus versos supérstites sobre as diferentes concepções e valores acerca das idades humanas. Dedicando-se ao teatro grego, temos os textos de Guillermo De Santis, que aborda o gênero trágico, em especial *Ésquilo*, enquanto Rui Tavares de Faria trata do cômico de Aristófanes. Guillermo analisa os versos 23-98, a cena de Emissários ou Assistentes nos Jogos Ístmicos, enquanto Rui reflete sobre a recriação a que Aristófanes sujeita o Cita na sua produção teatral.

O período helenístico ganha relevo com o artigo escrito por Santiago Colombo Reghin e Fábio Augusto Morales. Os autores partem da premissa de que após as guerras entre os sucessores de Alexandre no final do século IV AEC, o império selêucida afirmou-se como uma das três potências

de primeira ordem do mundo helenístico, estendendo-se da Índia ao Mediterrâneo. Diante da grande diversidade cultural e sociopolítica das várias regiões do império, a dinastia adotou formas diferentes de construção da autoridade. O presente texto discute tal processo a partir da Babilônia, um dos centros mais importantes do império.

Num recorte que abrange o Império Romano, o artigo de Pedro Benedetti busca analisar a forma como a conquista e a posterior integração das Gálias ao ordenamento imperial romano foram rememoradas nas narrativas historiográficas do século IV, à luz do conceito de “mapas temporais”, desenvolvido pelo sociólogo americano Eviatar Zerubavel.

Encerrando o presente número, temos o artigo de Renata Senna Garraffoni, que discute a relevância dos grafites parietais de Pompeia como fonte para se compreender a diversidade do mundo romano e, também, sua potencialidade como material para ensino em sala de aula. Nesse sentido, as discussões foram centradas em seus aspectos metodológicos, principalmente em como abordar as paredes de Pompeia, argumentando que a língua latina não é algo fechado e inerte no contexto romano, mas vivo e dinâmico, em constante transformação, capaz de surpreender e desafiar nossas sensibilidades modernas.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), um agradecimento especial pelo apoio à edição do presente número da revista.

A todas(os), boa leitura!

Os Editores